

É muito legal poder participar e espero que vocês gostem de ouvir falar dessa autora que atrai tanto e tanta gente, que é a Clarice Lispector. Resolvi falar sobre um aspecto que considero fundamental na obra dela que é o estranhamento e mais particularmente o estranhamento no livro A Legião Estrangeira. Mas vocês não se preocupem se não tiverem lido, porque é um livro de contos, ou se vocês tiverem lido só um ou outro conto desse livro, acho que eu falando os nomes vocês provavelmente vão reconhecer vários deles, de ter ouvido falar ou mesmo de ter lido. Mas se vocês não tiverem lido mesmo assim eu acho que vai dar pra vocês compreenderem porque em vários dos contos vou fazer uma pequena paráfrase, vou contar a trama da história pra vocês se sentirem bem familiares com as colocações que vou fazer. Eu queria começar conversando com vocês sobre a noção do estranhamento. Porque o tema da minha fala é o estranhamento na legião estrangeira da Clarice. Estranhamento, estranho, são palavras que a gente usa muito coloquialmente, palavras que fazem parte do nosso vocabulário diário, a gente se refere a alguém que não entende, cujas atitudes a gente não considera 'normais', como estranho. Mas o que é estranho? De onde vem a palavra estranho e a ideia de estranhamento? Por incrível que pareça, acho que muita gente não sabe disso, o estranho tem a mesma etimologia de que a palavra extra. Extra significa fora, e estranho é exatamente isso, alguém que é de fora. Aquele que não pertence. O estrangeiro. Estrangeiro e estranho são palavras sinônimas. Estranho é aquele que não pertence a um grupo, não pertence a uma determinada comunidade que se auto-denominou grupo por alguma razão, hábito comum que esse grupo compartilha. Então quem não compartilha desse hábito que esse grupo mantém, é considerado estranho em relação àquele grupo. Então ninguém é estranho em si mesmo, todo mundo é estranho relacionado a alguma coisa, um hábito compartilhado por determinada comunidade que estabeleceu esse hábito como determinante desse grupo. Então estranho é o que é de fora, que não pertence. Por causa dessa ideia de não pertencimento, daquele que não pertence a determinado grupo, é que com o tempo foi evoluindo a noção de fora pra aquele que é esquisito, como hoje a gente concebe a ideia de estranho. A gente chama alguém de estranho, ou alguma coisa de estranha, quando a gente não entende como ela funciona, quais são os hábitos dessa pessoa, quais são os comportamentos dessa pessoa, quando a gente não consegue encaixar o comportamento e atitudes dessa pessoa a gente diz que ela é estranha, com o mesmo sinônimo de esquisito.

4''20

Mas vocês vão lembrar que em vários lugares, atualmente acho que nem existe mais essa placa, mas antigamente vários prédios, condomínios, tinham uma placa na entrada da garagem dizendo 'proibida a entrada de estranhos'. Mas não são pessoas esquisitas que não podiam entrar no prédio, senão ia aparecer uma pessoa com um jeito mais maluco e não ia poder entrar, mas a são as pessoas que não pertencem aquele prédio, que não pertencem aquele condomínio. É importante pra gente começar a pensar na obra da Clarice que a gente compreenda estranho e estranhamento como algo que é de fora. E por isso depois, por causa de um certo preconceito que os grupos sempre estabelecem com aquilo que é diferente deles, isso evoluiu para a noção de esquisito, maluco, que não bate bem, mas não é isso não. Alguém pode ser considerado estranho por um grupo, como eu disse, que partilha determinados hábitos, ou também pode se considerar estranho em relação a vários grupos ou a algum

grupo. Eu quero pertencer a um grupo, mas o grupo não me reconhece como pertencente a ele, considera que eu sou de fora. Então digamos, na Europa a gente conhece muitos casos de xenofobia, de pessoas que são de um determinado país, de uma nacionalidade, e vem imigrantes de outros lugares que querem pertencer àquele país, mas não são aceitos. Eles são considerados estranhos por um grupo X. Ou a própria pessoa pode se considerar estranha, se colocar como estranha. Pode até querer ser aceita por um determinado grupo mas ainda assim se considerar estranho em relação aquele grupo. Não conseguir ser aceita, não conseguir se encaixar no grupo porque ela mesmo se considera estranha.

6''40

No caso da Clarice Lispector posso dizer que ela sofria de ambas as coisas. Tanto ela era considerada estranha pelos grupos onde ela passou, com quem conviveu, é muito comum pessoas que a conheceram ou mesmo se vocês virem entrevistas com ela falando, que a maioria das pessoas diga 'ela é genial, ela é fantástica, a literatura dela é maravilhosa, mas ela é muito estranha'. Muita gente diz isso, uma das reações mais comuns às falas da Clarice é dizer isso 'nossa, ela é meio estranha'. E também quando se lê a obra da Clarice a gente se apaixona... Ela é meio assim radical, as pessoas ou amam a Clarice ou odeiam a Clarice, é difícil ter um meio termo. Que bom que a maioria ama a Clarice, eu claro que sou apaixonado por ela. Mas a obra dela, mesmo por aqueles que gostam dela, também dizem 'tem uma coisa muito estranha'. Até um estranhamento fascinante, porque o estranhamento não só repele, mas também fascina. Alias, por causa do fascínio que o estranhamento exerce, ele também gera repulsa. Porque a gente muitas vezes rejeita aquilo que nos fascina. Pelo medo de que aquilo que nos fascina possa nos envolver excessivamente. A gente tem certo medo desse envolvimento muito fatal, arrebatador. Então essa reação à Clarice e a literatura dela como estranha é muito comum. E posso dizer que ela mesma também se sentia muito estranha em relação aos mundos que ela habitou. Ela foi mulher de diplomata, morou em vários países, ela veio da Ucrânia aos 2 anos, foi pro Recife. Então além de ser estranha nesse sentido... Estou querendo dizer a vocês que ela era principalmente uma estrangeira, estranha e estrangeira são sinônimos, e ela era a estrangeira fundamental. O livro sobre qual vamos falar chama justamente a legião estrangeira. Depois vou falar mais especificamente sobre a razão, a interpretação que eu dou a esse título. Mas ela era uma estrangeira que se manteve estrangeira durante toda a vida. Estrangeira no sentido fundamental da palavra, como se ela não pertencesse aos mundos que ela habitou. Ela não conseguia se habitar aos lugares que ela habitava e as funções que ela exercia e acho que isso explica em grande parte o tipo de literatura que ela produziu.

9''49

Eu queria ler pra vocês um poema que o João Cabral de Melo Neto, que era amigo da Clarice, escreveu sobre ela, para vocês terem uma ideia dessa inadequação da pessoa Clarice em relação aos ambientes que ela freqüentava e depois falar um pouco também dessa inadequação também na literatura que ela escreveu. É um conto chamado 'Contam de Clarice Lispector'. 'Um dia Clarice Lispector intercambiava com amigos dez mil anedotas de morte, e do que tem de sério e circo. Nisso, chegam outros amigos, vindos do último futebol, comentando o jogo, recontando-o, refazendo-o, de gol a gol. Quando o futebol esmorece, abre a boca um silêncio enorme e ouve-se a voz de Clarice: Vamos voltar a

falar na morte?’ É o tipo de diálogo tipicamente clariciano onde tem uma conversa normal e habitual sobre futebol e tem alguém que fala ‘futebol não, é muito estranho falar de futebol, vamos falar de morte que é mais comum, normal’. Ela virava as coisas do avesso, ela torcia a compreensão do real. E eu acabei de lembrar de uma outra anedota que contam sobre a Clarice, que uma vez pediram pra ela ‘Clarice, por que você não escreve uma historia normal, com começo, meio e fim, como todo mundo escreve?’ Ela disse ‘tá bom, vou tentar’. E ela começa com aquele início bem convencional: ‘Era uma vez um pássaro, meu Deus’. Foi isso o que ela conseguiu fazer com o era uma vez. Ela não tinha esse repertório que muita gente tem de conseguir falar com começo, meio e fim, isso pra ela era como se fosse um atentado contra a língua essa normalidade, essa linearidade da língua. Então continuando a falar sobre estranhamento, quero falar sobre o histórico da noção de estranhamento, que já é uma noção antiga na teoria da literatura. No começo do século 20, houve um grupo de estudiosos da literatura na Rússia chamado ‘os formalistas russos’, talvez vocês tenham ouvido falar de um ou outro desses teóricos. Mas um deles chamado Victor Chklovski escreveu um livro chamado ‘a arte do procedimento’ e nesse livro ele falou de um conceito que depois rendeu muito pra estudo da literatura que foi muito polemico, cuja tradução pro português é justamente estranhamento. E ele dizia que o estranhamento era um procedimento fundamental pra criação artística, que era um procedimento de singularização, de você singularizar, particularizar, individualizar, determinado objeto ou cena ou pessoa. E a partir desse procedimento de particularização desfamiliarizar a compreensão que se tem desse objeto, dessa cena, dessa pessoa.

14”04

Então é como... Eu tenho esse copo aqui. Esse é um copo normal e está com água normal. Mas se eu crio um texto, um quadro, qualquer objeto artístico sobre esse copo, eu singularizo esse copo, ele passa a ser diferente de todos os outros copos que existem, e ao fazer isso eu desfamiliarizo meu olhar sobre esse copo. De repente eu olho pra esse copo como ele é único e singular, eu estranho esse copo. Eu falo, ‘opa, o que é isso?’. Eu perco a familiaridade com que normalmente eu olho pra esse copo ou que nem olho porque ele é tão normal que eu nem percebo a presença dele. Mas ao singularizar ele se torna uma presença, ele aparece diante de mim como uma coisa única e eu estranho. Pela particularização eu me desfamiliarizo dele, eu o vejo como se estivesse vendo pela primeira vez. Isso também é um efeito de estranhamento que tem muito a ver com a Clarice. Ela tinha nas obras dela a capacidade de ver as coisas como uma criança, como se ela as estivesse vendo pela primeira vez. E ao fazer isso ela faz com que nós também leitores consigamos ver aquelas coisas como pela primeira vez. Mesmo as coisas, e principalmente as coisas nas quais já estamos habituados, que nem percebe que existem, portanto a gente vive essas coisas automaticamente, maquinalmente, roboticamente. A Clarice tem uma forma de criar um estranhamento em relação a essas coisas, de forma que a gente reconquiste o olhar inaugural, infantil sobre essas coisas. Como se a gente dissesse ‘ué, o que é isso que eu sempre vi mas nunca vi de verdade?’ ‘O que é essa palavra que sempre digo, mas nunca disse de verdade?’ E assim com todos os sentidos, com os pensamentos e sentimentos também. Então o Victor dizia isso, que pelo processo de singularização que você cria uma desfamiliarização e por causa disso você conquista esse estranhamento, que é ao mesmo tempo conseguir ver as coisas de fora, que é esse estar de fora, não pertencer, e também ver as coisas pela primeira vez. Imagine que vocês consigam, não sei se moram aqui em Campinas... Campinas é uma cidade super conhecida, todo mundo nem percebe a cidade, porque vocês moram aqui e usam a cidade para ir pros lugares onde vocês querem ir. Mas imaginem vocês adquirirem em relação a Campinas um olhar

estrangeiro. As vezes acontece isso, às vezes a gente consegue na própria cidade em que a gente mora e nos lugares que a gente frequenta, de repente adquirir um olhar estrangeiro em relação a ele, é tão gostoso. É o mesmo olhar que a gente tem quando viaja pra um lugar que a gente não conhece. E daí você olha e fala 'olha, um café'. Em todos os lugares tem um café, mas é maravilhoso, como se não existissem cafés, porque você está olhando pela primeira vez. 'Olha, que incrível aquela moça, olha que incrível aquele cachorro'. Mas você está tão habituado a ver cachorro, mas é um cachorro visto pelo olhar estrangeiro. E as vezes a gente consegue pela singularização também ver o nosso lugar como estrangeiro. Mudar alguma coisa na sintonia mental, na sintonia dos sentidos pra conseguir ver as coisas pela primeira vez. E a Clarice conseguia fazer isso na obra dela, e tenho certeza que isso tem muito a ver com esse olhar de fora, que tem a ver com essa percepção inaugural, infantil da realidade.

18"36

Esse olhar inaugural, esse olhar estrangeiro, esse olhar de estranhamento em relação a realidade, é também o olhar de espanto. O próprio Platão, num dos diálogos dele mais conhecidos chamado Teeteto falava da origem da filosofia numa experiência de maravilhamento, e muitos outros estudiosos poderiam acrescentar que essa é também a origem da poesia, a origem da arte e até da ciência. Quando é que um filósofo se dispõe a filosofar, ou quando é que um artista se dispõe a criar, ou quando é que um cientista se dispõe a pensar sobre a realidade? Quando ele se espanta com a realidade, quando ele estranha a realidade. E o filósofo pergunta 'o que é a vida' ou 'pra onde vamos', 'será que deus existe', 'por que existe a morte', 'qual a origem do mundo', essas são as mesmas perguntas que os poetas também se fazem, também são as perguntas que as crianças fazem. Infelizmente depois que a gente começa a virar adulto, precisa fazer as coisas certas na hora certa e no lugar certo, a gente para de fazer essas perguntas, a gente para de se espantar cada vez mais com a realidade, mas aí surge uma Clarice Lispector que fala 'pera aí, essas perguntas ainda estão aí e a gente não sabe responder e a gente precisa voltar a se espantar com essas coisas todas'. Mas não só com essas coisas misteriosas que ninguém sabe responder, também com as coisas do dia a dia, 'poxa vida, um copo'. Se espantar com um copo, porque se vocês conseguirem olhar o copo de um outro ponto de vista vocês vão ver como ele é espantoso, e como tudo é espantoso. O Modesto Carone, que é um escritor, estudioso da obra de Kafka, ele diz que 'o espantoso é que não espanta mais'. As coisas que deveriam nos espantar já não nos espanta mais porque está tão banalizado, as coisas mais absurdas a gente passa por elas como se elas não existissem. Mas tem outras coisas, aparece muito na obra da Clarice e na obra do Guimarães Rosa por exemplo, tem outras coisas do dia a dia, as mais banais, que também se paramos pra pensar e se adquirirmos esse olhar de espanto também são espantosas. Tem um outro teórico que falou muito da obra do Kafka e também falou sobre o estranhamento, chamado Gunther Anders, e ele diz o seguinte 'a arte é o meio de sentir o devido objeto, aquilo que já se tornou não interessa à arte'. Uma coisa já fechada, acabada, concluída, completa, decidida, não interessa ao olhar artístico, o que interessa são as coisas em estado de nascimento, em estado de transformação, em estado de tornar-se, como se elas estivessem nascendo naquele momento. Como se as palavras tivesse acabando de nascer, como se a gente estivesse vendo a linguagem brotar, e as coisas de que as palavras falam também brotando a partir do momento em que elas são anunciadas. É isso que a Clarice faz, que é esse olhar infantil, inaugural em relação ao mundo e através do uso que ela faz das palavras. Que não são só as coisas que brotam pelas palavras que ela usa, mas as próprias palavras brotam a partir do uso que a Clarice faz delas. Depois, quando eu for falar sobre um dos contos do livro, que é 'o ovo', vocês vão ver a capacidade de maravilhamento que a personagem do conto tem

em relação ao simples ovo. E se a gente parar pra pensar, um ovo é a coisa mais espantosa que existe. Como é possível que existe um ovo. Foi a Clarice que nos faz ver que um ovo é uma coisa espantosa. Não é possível que exista um ovo, mas ele existe.

23"40

Eu já falei um pouco sobre a estranheiridade da Clarice, não é só o estranhamento, é também a estranheiridade, que ela era estrangeira e permaneceu pra sempre uma estrangeira, não só em termos de nacionalidade mas em termos de atitude, de comportamento e da obra dela. É uma obra que não tem esse núcleo de estranheiridade, ela nunca, e tomara que isso nunca aconteça, ela não pertence, não é uma obra que pertence. Que bom que ela pertença a história de nossa literatura já, mas mesmo assim ela não pertence. Não é uma obra que você fala 'ah, que coisa mais normal, que fácil de ler', ela não é, ela sempre mantém esse lugar extra, fora do lugar. E uma coisa que se fala muito sobre a obra da Clarice, não sei se vocês já ouviram falar desse conceito, é a epifania. Muitos professores que falam sobre a Clarice, muitos textos que estudam a obra da Clarice, falam sobre epifania. E o que é a epifania? É uma palavra que vem da tradição grega, depois ela passa pela tradição cristã e ela significa tanto na Grécia antiga como no cristianismo, revelação. Só que a literatura a partir de James Joyce, se apropriou desse conceito de revelação religiosa e passou a conceber epifania como uma revelação banal, revelação cotidiana. Que é uma transformação pela qual alguém passa desencadeada por uma coisa banal, por uma coisa súbita, repentina e coloquial, sem nenhuma importância aparente. E esse efeito de epifania é individual, não é coletivo. Então pra mim o que pode gerar uma epifania pra você não. Então, voltando ao exemplo do copo, dependendo do estado em que me encontro, do lugar em que me encontro, do momento, esse copo pode gerar no meu comportamento uma revelação, transformação, que eu não podia prever. Ah, e sei lá, eu olhando... Como o Krust comenado a madeleine, rememora toda a infância dele e ele não podia esperar que ao morder aquele Madeleine toda a infância dele sobreviesse ao presente dele, o mesmo pode acontecer comigo agora quando eu senti o gosto dessa água por exemplo ou quando olho pra essa transparência, o efeito dessa transparência sobre a mesa, isso pode gerar em mim algum tipo de epifania que eu não esperava mas acontece. Alguma transformação súbita em mim e isso acontece demais nos contos da Clarice, nos romances, vocês vão ver que quase sempre tem um personagem que diante de uma visão banal, cotidiana, passa por uma transformação. Isso vai aparecer muito claramente de novo nesse conto 'o ovo e a galinha' que é uma dona de casa, e as donas de casa são as personagens mais comuns dos contos da Clarice, as donas de casa de meia idade, classe média, que vivem na cidade grande, muitas das personagens dela são assim, então uma dona de casa acorda, vai fazer o café da manhã pros filhos e claro ela pega um ovo, e na hora que ela vê aquele ovo ela fala 'um ovo'. Ela tem uma epifania diante daquele ovo.

27"56

Tem um outro conto que é o 'Tentação' que tem uma menina de 8 anos que está sentada diante da casa dela, ela é ruiva, são 2 horas da tarde, o sol está batendo, e ela tem soluço. E ela está ali meio abandonada, perdida em frente da casa dela. E aí de repente passa um cachorro basset que é ruivo como ela, e ela tem uma epifania, se apaixona pelo cachorro e o cachorro se apaixona por ela. Só que eles não podem ficar juntos. Acho que em todos os contos do livro haja epifanias, e a epifania novamente tem esse efeito de estranhamento, de maravilhamento, de espanto. E de visão inaugural da realidade. As crianças, quem aqui tem filhos pequenos ou já teve, vai reconhecer como as crianças olham o mundo epifanicamente. Elas sempre estão vendo as coisas, muito pela primeira vez, e outras coisas mesmo que não seja pela primeira vez elas adquirem de repente um olhar estranho em relação aquilo e falam 'mamãe, papai, por

que a cadeira tem 4 pés?’ Elas têm uma epifania com a cadeira. E você fala ‘poxa, é mesmo, por que a cadeira tem 4 pés?’ Você começa a fazer essas perguntas poéticas, essas perguntas... Lembro que uma vez meu filho pequeno falou ‘mamãe, eu sei o que é favela. É o lugar onde se faz vela’. Porque ele adquiriu esse olhar de estranhamento sobre a palavra ‘favela’. Ele achou que era a palavra e não o lugar. É isso que a Clarice faz. O livro Legião Estrangeira, como vocês já devem ter percebido, tem esse nome porque, essa é a minha interpretação... No conto legião estrangeira, que é o último conto do livro, não há nenhuma referência a essas palavras, legião estrangeira. É sobre uma mulher que compra um pintinho, e tem uma garotinha muito chatinha que é vizinha dela e vai o tempo todo visitar essa personagem e fica ali meio enchendo o saco dela. Ela é mãe de família, dona de casa, tem muita coisa pra fazer e a menina fica lá enchendo o saco dela até que a menina vê esse pintinho e tem uma epifania. Mas não se fala de legião nem de estrangeiro, nada. Então a gente precisa interpretar o motivo do livro de chamar legião estrangeira, que é o nome deste conto. Porque a Legião estrangeira é aquele exercito que trabalhava para vários países, sendo... Como chama essas pessoas que são pagas? Mercenários. Que trabalhavam como mercenários para quem os contratasse.

31”45

Só que a Clarice, o que ela faz, ela estranha esse termo legião estrangeira e ela compreende legião estrangeira não nesse sentido de mercenários, de quem é pago pra guerrear, mas no sentido literal. Legião, milhões de pessoas, bandos, multidões de pessoas, todas estrangeiras. A legião estrangeira. Quem são essas pessoas que não pertencem? E aí a gente vai ver os personagens do livro Legião Estrangeira. É uma legião de estrangeiros, quem são os estrangeiros no nosso mundo? As crianças. Que toda hora que elas querem falar a gente fala ‘fica quieto menino, você não é adulto ainda, você não pode pertencer, você não faz parte, na o fala coisa de criança aqui no meio dos adultos, a gente que é normal, fica quieto, quando você crescer você vai poder participar.’ Então as crianças, quem mais? Os velhos são estrangeiros também, eles também não tem o direito de participar. A gente trata os velhos como se eles fossem crianças. A gente não fala ‘sai daqui, você é velho’, mas a gente pensa isso e os trata dessa forma. ‘Tudo bem, depois você fala’. A gente é bonzinho com os velhos, porque... Mas deixa eles quietinhos porque eles atrapalham. Então os velhos são estrangeiros, as crianças são estrangeiras, os loucos são estrangeiros, os adolescentes são estrangeiros e os animais são estrangeiros. Tanto no sentido que eles não pertencem como no sentido que eles são o outro de nós. E a Clarice tem muito essa capacidade de fazer pelo estranhamento com que a gente veja o outro. Esse outro que a gente não quer ver, que é a criança, que é o velho, que é o louco, que são as pessoas diferentes de nós, pessoas que pertencem às minorias quaisquer, e mesmo os animais, a Clarice faz com que a gente veja as coisas com a perspectiva desse outro. E a partir dessa visão diferente, a partir do ponto de vista do outro, a gente começa a reconhecer e dar mais valor ao outro. A ampliar nossa capacidade de trazer o outro, trazer o fora pra dentro. E levar o dentro pra fora. De a gente também ser o fora, de a gente deixar de ser partícipe, deixar de ser normal e ver em nós mesmo a capacidade de sermos estranhos. Porque todos nós somos estranhos, a gente só não quer reconhecer, a gente fica abafando, mas nós somos também. Então esses são os personagens da Legião Estrangeira: animais, adolescentes, crianças e velhos

35”04

Que animais são esses? Tem as baratas, tem um conto sobre as baratas, tem um cachorro do conto Tentação que falei, tem dois macacos e dois pintinhos. A Clarice era apaixonada por bichos, tem vários livros infantis dela sobre bichos. E estranhamento o bicho que ela mais gostava não é o bicho que todo mundo mais gosta, é um bicho que ninguém gosta, que é a

galinha.era o bicho que ela mais gostava. Alias tem ate o conto dela, esqueci o nome, sobre a galinha que acho inspirou o livro Cidade de Deus, do Fernando Meirelles, porque começa o conto com o pai indo pegar a galinha pra matá-la, pra servi-la no almoço. E a galinha foge, ela não quer ser caçada, não quer ser morta, então ela sai fugindo e o pai sai correndo atrás dela. E ela foge, daí quando ele alcança a galinha ela faz um olhar pra ele e ele tem uma epifania. E ele vê no olhar na galinha o pedido que ela não quer ser morta. E ele salva a galinha. E não permite que ninguém mais mexa naquela galinha, até que um dia a galinha morre. E a dor da menina, a personagem, que é bem autobiográfico, de saber que a galinha morreu. Falando agora mais especificamente sobre o livro A Legião Estrangeira, são 13 contos. Já falei dos personagens, animais, adolescentes, crianças e velhos. Todos os contos são narrados no pretérito imperfeito, estava, falava, fazia, caminhava, andava... Que é um tempo verbal que dá sensação nostálgica, melancólica, de rememoração para o que está sendo narrado, que é muito a sensação que é a sensação que a gente ter ao ler os contos da Clarice. A maioria dos contos, não todos, na maioria os personagens não tem nome, então cria-se uma espécie de generalização representativa como se aqueles personagens fossem todos os personagens, quaisquer personagens. Aquela velha de quem ele está falando pode ser qualquer velha, aquela criança pode ser qualquer criança. O pretérito imperfeito também dá essa sensação de alguma coisa que aconteceu com aqueles personagens mas também pode ter acontecido com todo mundo. Porque todos os contos tem essa sensação de uma fabula, uma parábola, como se ela tivesse contando uma historia meio bíblica, uma historia que não pertence a tempo nenhum, e portanto pertence a todos os tempos. As historias praticamente não tem trama. Então você pergunta 'o que acontece num conto da Clarice?' Nada, não acontece nada. Uma mulher acorda, vai fazer um café da manhã e ver um ovo, é isso que acontece. Não tem aquelas aventuras, enredos, vários personagens que passam por muitas coisas, não tem. Tem dois adolescentes que são muito amigos, um menino e uma menina. Eles são tão amigos que começam a se cansar um do outro, mas não conseguem desfazer a amizade porque eles dependem muito um do outro, ate um dia que eles pegam um ônibus junto, descem no ponto e vêem uma casa. E aí pronto, a amizade deles se desfaz e eles seguem cada um pra um lado. Essa é a trama do conto, não tem trama, não tem uma ação acontecendo. Eles tem essa epifania quando vêem a casa, se vêem retratados na casa e daí eles decidem cada um tomar seu rumo na vida. Um casal que vivia juntos há muitos anos, num belo dia acontece uma coisa mínima e a mulher se joga da janela.

39''57

Não tem historia. Aí você termina de ler e diz 'mas por que?'. Não vai ter a resposta no conto, a resposta você vai encontrar em você mesmo, se você encontrar e se você conseguir se imbuir desse sentido de estranhamento em relação ao mundo. A Clarice trata de sentimentos que normalmente a gente entende como exclusivamente positivo como uma coisa estranha, negativa. Por exemplo, o amor. O amor, pra nossas vidas normais, é o sentimento mais positivo, sentimento mais humano, mais solidário, mais construtivo que pode existir. Pra Clarice muitas vezes o amor é sufocante, é excessivo, é destruidor, é arrasador, e isso vai aparecer no primeiro conto do livro. A esperança, que também a gente entende como algo que nos redime, nos salva, alguma coisa pra gente apoiar quando tudo está ruim, pra Clarice é um tipo de maldição. Matar barata, que é uma coisa super normal, que todo mundo faz, menos quem tem medo, mas daí pega um inseticida ou chama alguém pra matar, pra Clarice matar as baratas é como um assassinato, algo que a transforma numa monstra a personagem que mata as baratas, depois já vou falar sobre isso. E uma coisa muito bonita nos contos da Clarice é o efeito, que tem muito a ver com estranhamento e epifania, que é o efeito de

gratuidade. Que é fazer as coisas sem saber por que, nem pra quem, nem qual a consequência dessa coisa. Simplesmente fazer porque eu quero fazer, porque é bom fazer, porque aquilo me dá prazer por alguma razão que não sei explicar. A gratuidade tem a ver com graça, que é algo que brota se razão nenhuma, não faço as coisas porque quero com aquilo obter alguma coisa em troca. Mas simplesmente pela graça de fazer. Como receber as graças digamos assim. Então em espanhol em vez de falar obrigado, a gente fala a palavra gracias. Eu recebo o que você me dá sem que com isso eu estabeleça uma relação de negociação com você. Eu recebo de graça aquilo que você me dá, e estou liberto de qualquer retribuição. Em português não, a gente tem essa palavra 'obrigado', que é você me dá e agora estou obrigado a fazer alguma coisa em troca disso que você está me dando. Em espanhol parece que eles têm maior desprendimento em relação aquilo que se recebe, que é gracias. Está de graça. Acho que os espanhóis são mais ricos que nós.

43"45

Mas ainda tem gente em português que fala... gracioso também é algo sem nada em troca, isso foi dado graciosamente. O primeiro conto do livro chama 'os desastres de sofia'. E é a história de uma menina, uma criança chamada Sofia, a origem da palavra fi-lo-sofia, Sofia é sabedora, conhecimento. E é o nome dela, estudante, tem 7 ou 8 anos e ela é muito esperta, e ama odiar um professor que ela sabe que gosta dela. Gosta porque acha a menina muito inteligente. Mas ela começa a desafiar esse professor e ele quer mandar ela pra fora da classe. E ele fala pra ela 'sai da classe'. Ela fala 'saio mesmo'. E ele não deixa ela sair, porque se ela sair mesmo ele vai está obedecendo a menina. Então eles ficam o tempo todo nessa guerra, a menina e o professor. Então vejam aqui algumas frases que eu copiei do conto: 'se tornará doloroso para mim ser o objeto de ódio daquele homem que de certo modo eu amava'. Ela trabalha muito com os opostos, ódio e amor. 'Amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto'. A criança que está tentando proteger o adulto. 'o homem que fizera me devanear por um abismal minuto antes de dormir'. 'Ela dizia que tinha sonhos de velhos séculos de escuríssima doçura'. Olha aí o amor perigoso, o amor escuro. 'E nesses sonhos ela tinha negros sonhos de amor'. 'Eu estava permanentemente ocupada em querer e não querer ser o que eu era. Não me decidia por qual de mim. Toda eu é que não podia. Com vaidade cultivava a integridade da ignorância'. Esse é um estado tipicamente clariciano, e é esse estado que eu estava falando pra vocês do não conhecimento. É a beleza e a poesia da ignorância, colocar-se no lugar do não saber. 'Implorando-lhe que meu castigo consistisse apenas em sofrer para sempre de culpa, que a tortura eterna fosse a minha punição, mas nunca essa vida desconhecida'.

47"10

E daí o momento em que ela descreve aquilo que é indescritível. E a quantidade de vezes que ela usa o verbo ver e as variações do verbo ver é impressionante no livro. Eu contei nos contos o verbo ver e as variações incontavelmente. Por causa disso também, porque ela vê as coisas, ela não olha, ela vê. 'Mas sei que vi. Vi tão fundo quanto numa boca de chofre eu via o abismo do mundo. Aquilo que eu via era anônimo como uma barriga aberta para uma operação de intestinos. Vi uma coisa se fazendo na sua cara'. Lembra da coisa no estado de ser feito, de nascimento. 'Mas essa coisa que muda catástrofe se desenraizara. Essa coisa se parecia ainda tão pouco com um sorriso, como se um fígado ou um pé tentassem sorrir. Não sei. O que vi, vi de tão perto que não sei o que vi'. Essa ideia de você olhar a coisa de uma forma tão singular, tão particularizada que você passa a desolhar a coisa e no momento que você des-olha a coisa é que você vê a coisa. Aí ela diz 'vida nascendo, era tão mais sangrento que morrer'. Porque é verdade né, a gente associa sangue com morte, mas a morte não sangra, quem sangra é a vida

quando ela nasce. E ela associa muito o nascimento à dor, que o nascimento é claro que dói, tanto pra quem pare como pra quem está nascendo. Mas é o nascimento das coisas e o nascimento das palavras. Na obra da Clarice também sangra, porque você vê ao mesmo tempo que ela floresce e aparece ela passa por algum tipo de morte. Pra gente ver as coisas é preciso primeiro que elas morram, que a gente desconheça as coisas do jeito que elas costumam ser. 'Morrer é ininterrupto, mas ver matéria inerte lentamente tentar se erguer como um grande morto-vivo, ver a esperança me aterrorizava, ver a vida me embrulhava o estomago. Tive que engolir como pude a ofensa que ele me fazia ao acreditar em mim. A prece profunda não é aquela que pede, a prece profunda é a que não pede mais. Se deixara docilmente guiar pela minha diabólica inocência'. De novo, essa torção daquilo que normalmente entendemos como algo positivo, ela sabe fazer a gente ver como algo negativo, que é a inocência, a diabólica inocência de uma criança.

50"50

E aí quero introduzir um outro conceito muito importante na Clarice, que tem a ver com tudo o que já falei até agora, que é uma palavra que já existia em alemão, mas que Freud se apropriou dela pra inserir no pensamento psicanalítico que é o 'unheimlich', que vem do alemão e significa 'o estranho familiar'. Freud criou esse conceito a partir de um conto do Hoffmann chamado 'o homem de areia', que ele viu nesse conto que esse homem que tinha visões fantasmáticas, assombrosas, ele confundia a ficção com a realidade. E o Freud disse que essa confusão entre ficção e realidade, aí em teorias psicanalíticas e pessoas que tem problemas com recalque, é esse 'unheimlich', que é aquilo que é familiar, mas a gente recalca aquilo que é familiar mas a gente não quer ter contato porque nos assusta, mas em função de alguma coisa que surge, alguma imagem, o recalcado volta. Então aquilo é familiar mas ao mesmo tempo nos é estranho. E a gente não sabe mais distinguir os limites entre o real e o imaginário. Na Clarice isso acontece muito, muito mesmo. Coisas que a gente já conhece de repente ressurgem de uma forma que a gente não conhece. E a gente passa a desconhecer aquilo e por isso aquilo nos assusta. Ao mesmo tempo que nos encanta também nos assusta. É claro que o que é familiar nos assusta muito mais do que é completamente distante de nós. O distante a gente fala 'tudo bem, fica lá', mas quando é familiar aí você falar 'pera aí, está dentro de mim, eu conheço'. 'Nunca saberei o que eu entendo, o que quer que eu tenha entendido foi com um choque de doçura entendido pela minha ignorância. Tudo o que em mim não prestava era o meu tesouro'. O que acontece aqui é que o professor gosta muito de uma redação que a menina escreve e ele chama a menina de lado e elogia e com isso ela fica desesperada. Ela não sabe o que fazer com o ódio que ela sentia por ele, que era tão fácil pra ela ter esse ódio e manter aquele desafio, e no momento em que ele a elogia ela fica desestruturada, ela perde a segurança do sentimento que ela mantinha em relação aquele professor.

54"10

O segundo conto é muito lindo e é simplesmente uma visão. É o conto que se chama 'a repartição dos pães'. Que é uma tradição bíblica de repartir os pães. Inclusive não sei se vocês sabe que a palavra companheiro é aquele que come pão junto, que reparte o pão. Então se chama 'repartição dos pães'. Algumas pessoas são convidadas para um jantar onde elas não gostariam de estar, porque elas não conhecem direito os donos da casa, não queriam estar lá. Quantas vezes somos convidados para um lugar que não queríamos estar. Mas aí quando esses convidados chegam diante da mesa eles ficam maravilhados com aquela mesa, que é uma mesa que tem as mais variadas comidas mas todas em estado de puro frescor, de abundancia, de generosidade, de desprendimento dos donos da casa que prepararam aquela

mesa para aqueles hospedes mesmo sem os conhecer muito bem, e todos repartem os pães num estado de comunhão total, de pura alegria, que é uma epifania do alimento. Vou ler um trecho: 'A mesa fora coberta por uma solene abundância, sobre a toalha branca. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiem nos olhos – tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse.' Essa é a capacidade de ver tudo isso que estamos acostumados a ver como pela primeira vez, como se a gente nunca tivesse visto uma laranja, uma uva, um chuchu, os tomates. Lembram que falei da gratuidade? 'Os tomates eram redondos para ninguém'. Eles não eram redondos por alguma razão, nem para serem comidos, nem para serem apreciados, simplesmente pelo fato de eles serem gratuitamente redondos é que eles eram belos. Aí ela fala da mulher: 'Então aquela mulher dava o melhor não importava a quem? E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro. Em nome de nada era hora de comer. Em nome de ninguém era bom.' Não pode existir melhor definição da gratuidade e da alegria de compartilhar em nome de nada, sem ter motivo pra aquilo. Eu detesto um ditado que diz 'não existe almoço grátis'. Quem disse isso, que vá ler o conto 'a repartição dos pães'. E vai ver que existe almoço grátis e é o melhor almoço que existe. Por isso, leiam 'a repartição dos pães' e convidem as pessoas gratuitamente a almoçar, a jantar, porque existe sim almoço grátis. E se não houver almoço grátis então não tem mais sentido ler a Clarice. Então a gente vai ficar pra sempre fazendo negócios e é preciso acreditar que em algum lugar da vida a gente não está fazendo negócio.

59"03

O terceiro conto é 'a mensagem', que é aquele que eu falei pra vocês dos dois adolescentes que ficam muito amigos até que a amizade vai se desgastando. Vocês sabem, a adolescência é o período talvez o mais difícil da vida, o mais estranho, o momento que a pessoa mais sente que não pertence. Nem a infância, nem a idade adulta, as mulheres ainda não são mulheres, os meninos ainda não são meninos, ou as mulheres já são completamente mulheres e os meninos não conseguem estar no mesmo compasso que as meninas, é um tempo de desencontro a adolescência. E esses dois colegas ficam muito amigos, a amizade se desgasta mas eles não sabem como lidar com o desgaste dessa amizade, sendo que eles tinham alimentado toda a conexão entre eles a partir da inteligência, eles desprezaram o próprio corpo. E sabe qual era a palavra que unia os dois? Angústia. Um dia a menina disse que sentia angústia, e ele ficou tão identificado com a menina que sentia angústia que ele resolveu ser amigo dela, pois ele achou muito grandioso uma menina que sentia angústia, e dizia essa palavra. Então ela fala 'Assim, engolida emocionadamente a alegria involuntária que a verdadeiramente espantosa coincidência dela também sentir angústia lhe provocara. Ser jovem era a mesma desgraça irremediável'. Eles tinham raiva dos outros que nada faziam se não viver. 'Eram vaidosos da própria amargura. Poesia, ó como eles a detestavam, como se fosse sexo. Eles achavam que os outros queriam caçá-los para formalidade'. Então eles tinham a vaidade e o orgulho de não serem normais, até que eles vêem a casa, eles tem a epifania da casa. Porque a casa era angustiada, é isso o que o conto diz, que a casa era o próprio retrato da angústia. E quando eles vêem a casa, eles se dão conta do significado da própria angústia e

aí é como se eles crescessem, se encorpassem cada um em si mesmo naquele momento e eles pudessem adquirir força necessária para se separarem. Olha como a Clarice define a casa: 'A casa era forte como um boxeur sem pescoço'. A capacidade dela de criar metáforas e combinações estranhar, de fazer com que a gente reorganize o significado dos substantivos e adjetivos pela combinação inusitada que ela faz entre eles. A casa como um boxeur sem pescoço. A gente vê essa casa.

1'02''22

Aí o quarto conto se chama 'macacos'. Uma dona de casa classe media, bem normal, ela ganha de presente um mico. E ela começa a se incomodar com aquela presença, ela não sabe o que fazer com aquela presença, aquilo desloca toda a normalidade do cotidiano dessa dona de casa, e ela fica muda de perplexidade. Perplexidade, uma outra palavra que aparece muito na Clarice, que é muito parecido com o espanto sobre o qual já havia falado. E daí ela quer se livrar do macaco, e olha a pergunta que o filho faz, porque o filho é muito apaixonado pelo macaco: 'E se eu prometer que um dia o macaco vai adoecer e morrer, você deixa ele ficar?' E no final, depois que o macaquinho morre e eles enterram, o filho fala pra mãe, a macaca chamava Lisete, o filho fala 'mamãe, você parece tanto com Lisete.' Me avisaram que o tempo está acabando, então vou passar mais rápido pelos outros contos, quero falar de mais alguns. O ovo e a galinha, que não posso deixar de falar depois de tudo o que falei, daquela mulher que acorda e vai fritar o ovo e vê o ovo. Veja o que ela diz: 'não se pode estar vendo o ovo. Mal vejo o ovo e já se torna ter visto o ovo há três milênios. O ovo não tem um si mesmo. Ver o ovo é impossível. Como mundo, o ovo é obvio. Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto. O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. Eu te amo ovo. De ovo a ovo chega-se a deus. A galinha é o disfarce do ovo. O corpo da galinha é a maior prova de que o ovo não existe. Eu pelo menos não compreendo, eu pelo menos não sei'. Que essa humildade diante do ovo, o ovo é o que tem de mais simples e mesmo assim a personagem não compreende o ovo, a gente é menos do que um ovo. Depois tem o conto 'tentação', que é aquele que falei pra vocês da menina que se apaixona pelo cachorro, tem um conto chamado 'viagem a Petrópolis', que é de uma velha mendiga que ninguém quer hospedá-la, eles ficam jogando ela de uma casa pra outra até que ela vai pra Petrópolis e ela é expulsa de uma outra casa, mas ela tem sempre uma atitude de agradecimento, mesmo em relação aquelas pessoas que a rejeitam, aí ela encosta num poste e morre. Depois tem um outro conto sensacional de duas mulheres chamadas Alice e Almira. A Alice é magra, a Almira é gorda. E a Alice maltrata a Almira por ela ser gorda. E as duas são secretárias, datilógrafas. Até que um dia Alice finalmente se abre e diz pra Almira 'sua gorda'. E o que a Almira faz? Ela vai e mata a Alice com uma faca e fica feliz na prisão, onde ela se encontra. E como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou no pescoço de Alice.

1'06''55

Depois tem o 'evolução de uma miopia', de um rapaz que vai ficando cada vez mais míope, olha aí de novo a visão, e num certo sentido ficar míope que é ver, que é o que todo mundo precisa fazer é ficar mais míope do que é e enxergar menos, e não enxergar mais, para poder ver melhor. A quinta historia é o conto das baratas, que eu tinha falado pra vocês, que a dona de casa está com problema de excesso de baratas em casa e alguém dá a receita pra ela de misturar açúcar com gesso, porque a barata come o açúcar atraída por ele e aí o açúcar junto do gesso vaie endurecendo por dentro da barata e a barata vira uma estatueta. E a dona de casa segue a receita, e à noite ela fica curiosa, vai lá ver, e as baratas estão todas engessadas, mortas. Aí ela fala: 'Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Durante a noite eu matara. As baratas que haviam se endurecido de dentro para fora eram as estátuas.

Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Assaltadas pelo próprio âmago, se mumificara exatamente por não ter sabido usar as coisas com a graça gratuita do em vão. Da minha fria altura de gente olho a derrocada de um mundo'. Depois o conto 'obedientes', que é daquele casal obediente em tudo, eles fazem tudo do jeito que tem que fazer, tudo certinho. 'Um homem e uma mulher estavam casados. Já em constatar esse fato meu pé afundou. Mas então era de noite. Eles calçavam os chinelos e era de noite. Eles nunca se lembrariam de desobedecer. Os dois, condecorados, graves, correspondiam grata e civicamente à confiança que os iguais haviam depositado neles. O modo súbito do ponto cair no i, essa maneira de caber inteiramente no que existia e de tudo ficar tão nitidamente aquilo mesmo — era intolerável. Faltava-lhes o peso de um erro grave'. Aí o que ela faz quando o pingo cai no i, ela simplesmente... Ah, lembrei, o dente dela quebra, essa é a epifania. O dentro dela quebra, ela vai no espelho, se vê velha e obediente. Com o dente quebrado, vai até a janela e se joga. Não tem nem mediação.

1'10"27

E finalmente o último conto, 'A legião estrangeira', que eu já falei pra vocês do pintinho. É a Ofélia, que recebe a visita de uma menina, bem chata que fica o tempo todo falando pra Ofélia, 'por que você é assim, por que você não é mais normal, por que você não é igual a minha mãe, a minha mãe não faz as coisas assim como você faz, a minha mãe não cozinha assim do jeito que você cozinha'. Uma menina chata que fica tentando normalizar a Ofélia. Até que ela vê que a Ofélia tem o pintinho e ela não tem. 'E essa menina tinha o mesmo límpido olhar de quem se hipnotizou para a obediência'. Aí quando ela vê o pintinho ela prende o 'delicado abismo da desordem. A cada piar reduzia-nos a não fazer nada. Era impossível consolar coisa que por ter nascido se espanta. E aí a menina deslumbrada de desentendimento ouvia bater em mim um coração que não era o meu. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto e de largar no chão o corpo antigo.' Pra terminar essa fala, a ideia aqui é que o grande outro, de quem a Clarice fala, esse estranho que a gente não conhece, sou eu mesma, somos nós mesmos. E o grande outro a quem a gente deve dar o nosso olhar, quem a gente deve ver, é cada um de nós, que deve morrer pra fazer o próprio parto de uma maneira renovada, inaugural, como se a gente estivesse sempre nascendo de novo. E vendo as coisas pela primeira vez. Então vou só repetir essa frase: 'A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto e de largar no chão o corpo antigo'. Obrigada gente.

1'13"42

PERGUNTAS

Se a literatura causa estranhamento, esse estranhamento também não é um modo de afastar o leitor da própria obra literária?

Ele está perguntando se o estranhamento também não é uma forma de afastar o leitor da obra literária. Acho que sim. Não que o estranhamento tenha a intenção de afastar, mas quase necessariamente ele afasta, mas acho que esse afastamento, como no caso da Clarice, é importante pra depois que o leitor aceitar esse estranhamento dentro de si ele consiga ler com um olhar muito mais autêntico, muito mais singular, muito mais verdadeiro do que uma leitura automática, uma leitura que não leve em consideração a singularidade das palavras. Então o estranhamento num primeiro momento afasta, para depois criar uma aproximação muito própria, muito diferenciada. Esse distanciamento é uma etapa importante da leitura.

1'15"22

Chegaram duas questões mais ou menos parecidas que falam sobre os textos da Clarice na internet, alguns inclusive falsos. O Pedro e a Daniela fazem algumas considerações, mas o Pedro pergunta: como você vê a questão dos desdobramentos que a literatura em geral tem na internet, sobretudo a obra de Clarice, e a Daniela pergunta se seria o caso de um rosto mais conhecido que a obra, e se seria a espera de uma autora feminina 'mais fofa' do que ela jamais foi.

Ela nunca foi nada fofa, acho que ela detestava a fofura, apesar de ter escrito sobre macaco, bichos e de ter tido uma relação muito boa com os filhos, ela gostava muito de ser mãe, ela não era nada fofa. Quem quiser assista a ultima entrevista que ela deu alguns meses antes da morte, na TV Cultura, e vocês vão ver o quanto ela não era fofa. Mas por alguma razão talvez pela forma como as frases que ela criou são muito aforísticas, parecem frases meio bíblicas, frases de fabula, como varias das que eu li hoje, 'eu te amo ovo', ela escrevia muito nesse sentido atemporal, sem lugar, sem personagens, sem trama. Essa frases podem adquirir um sentido independente, autônomo, e existir por conta própria como se elas não fizesse parte de um texto. Então acho que elas são muito fáceis se serem usadas como frases de efeito, como tiradas chamativas, que geram um apelo mais fácil. E por ela ter esse caráter estranho e as pessoas gostam de engavetar, classificar a Clarice como uma autora estranha, esquisita, diferente com essas frases e saem disparando. E aí essas frases acabam se reproduzindo sozinhas. A internet é um lugar de reprodução, de multiplicação, elas se auto geram, então é um terreno muito fértil pra essa repetição simplista, descaracterizada das coisas que os autores disseram. Tem muitos autores que sofrem essas vulgarizações na internet. Fernando Pessoa é outro a quem atribuem várias frases, ou que ele não disse ou que disse num contexto completamente diferente e aí com isso acaba se perdendo um dos aspectos mais importantes da Clarice que é justamente esse, do estranhamento ela acaba virando uma autora fofa. Mas fazer o que.

1'18''58

Tem um comentário do Murilo que vai um pouco de encontro ao que o Jose Alves já disse, mas ele diz que o estranhamento parece ser inerente ao fazer artístico como bem você disse, e parece que é ainda mais evidente em escritores como tanto Clarice como Guimarães Rosa. E ele pergunta o que há de contemporâneo na literatura brasileira nessa mesma direção hoje.

Como o estranhamento é um procedimento, como a própria pessoa perguntou, inerente à produção artística, é difícil não encontrar um bom autor que de certa forma também tenha usado esse procedimento. Na da mesma forma que a Clarice, mas de muitas outras formas diferentes. O próprio Guimarães Rosa, o modo como ele trabalhou o estranhamento é bem diferente da forma como a Clarice trabalhava o estranhamento. O Guimarães Rosa por exemplo inventava palavras, usava recursos gramaticais fora da norma convencional, usava palavras de outras línguas. Ele era muito mais místico que a Clarice e trabalhava com metafísica, o ocultismo, esse era o trabalho de estranhamento que ele fazia. Agora é claro que os bons escritores brasileiros continuam trabalhando o estranhamento, só que de várias formas diferentes. Se cada um de nós for pensar num bom escritor brasileiro atual, a gente vai descobrir outros efeitos de estranhamento que esse autor pratica. Estou lembrando da Bia Bracher, que é uma autora que admiro muito e que usa muito esse efeito, ela consegue descobrir um Brasil. Por exemplo, o Brasil da Bia não é o Brasil alegre que estamos acostumados a ver, é o Brasil triste, melancólico, que tem a memória da ditadura impresso

nele muito fortemente, o Brasil da exploração do garimpo e minério no Amazonas. O Brasil do Milton Hatoum também é diferente, não tem nada a ver com esse Brasil carioca, das bundas de fora. Então acho que tem muitos autores ainda... Os bons autores brasileiros estão sempre trabalhando com alguma forma do efeito de estranhamento. Não esse da Clarice, mas alguma outra maneira de ver as coisas de um jeito inaugural ou de um jeito único, singular, estrangeiro.

1'22''21

Queria perguntar se... Eu conheci ela profundamente agora através de você e queria saber de você... o que percebi é que ela era muito fofa, porque ela não queria despertar isso nas pessoas, porque só uma pessoa muito fofa pra reparar no ovo, na barata e fazer as pessoas refletirem sobre isso.

Aí é você que está dizendo que ela era fofa, mas acho que ela não era não. Ela era muito emotiva, isso é evidente em toda literatura dela e também nas entrevistas que ela deu, nas cartas que ela escreveu, até nas crônicas que ela escreveu, muito sensível. Mas ela ao mesmo tempo mostrava o lado obscuro das coisas, não era só o lado iluminado, ela mostrava pra nós como tudo tem um aspecto assustador, fantasmagórica. Até o amor pode ser assustador, a esperança pode ser assustadora, a inocência de uma criança pode ser terrível, destruidora. Então, se você quer ver fofura nisso... Acho que não, porque fofo tem muito, conotação de algo terno e fácil, gostoso. Mas a literatura dela não é nem fácil nem gostosa, é difícil e exige um esforço de leitura. Não é uma coisa que você simplesmente sai lendo. Precisa ter uma disposição pra suportar o obscuro, pra suportar morrer pra poder nascer. Não é assim 'ah, que gostoso nascer'. Não é gostoso, é difícil. Então não acho que é fofo não.

1'25''

Será que essa estranheza da Clarice não é pelo fato de ela ser uma mulher a frente da época dela, uma mulher que estava escrevendo, numa época que a mulher era dona de casa, cuidava dos filhos, dessas pequenas coisas. Será que não é um reflexo também do meio que ela estava vivendo, da época, do contexto. Porque é fácil hoje a gente falar ela falando de tudo, mas à época era diferente. Pra mulher se postar no meio da sociedade sem que tivesse um homem ao lado para firmar-se, era muito difícil. Será que não é reflexo também disso?

Acho que sim, acho que a Clarice pode ser considerada uma feminista na minha opinião, não sei se é não própria opinião. Mas ela é sim uma mulher a frente do tempo, ela nunca deixou de ser dona de casa, ela gostava de ser dona de casa, ela escrevia enquanto cuidava da casa, isso pra mim é completamente maluco que ela ficava conversando com os filhos, com a empregada, atendendo telefone e batendo na máquina nos joelhos. Mesmo com os filhos pequenos ela gostava de cozinhar, gostava de cuidar da casa. Então ela não abriu mão disso, mas ao mesmo tempo ela trabalhava muito, não quis deixar de trabalhar. E acho que ela ajudou muitas mulheres a se assumirem como pessoas que não estão satisfeitas em serem donas de casa, em serem esposas e mães. E por isso acho que essa personagem, essa mulher de classe média dona de casa obediente, supostamente satisfeita com o destino que a sociedade armou pra ela, essa é a personagem principal da Clarice. É essa mulher que fica aterrorizada por matar baratas, por pôr chinelos de noite, por fritar um ovo de manhã, é uma mulher que estranha a condição que foi desenhada pelo mundo pra ela, então acho que ela ajuda muitas mulheres até hoje mesmo a terem epifanias em relação a própria vida, mesmo que pequenas, mesmo que essas epifanias não façam com que essas mulheres mudem de vida, mas alguma coisa muda dentro delas. Então acho que ela teve e tem ainda um papel

importante porque a mulher é um personagem, é o personagem da literatura dela. Os personagens homens não são muito numerosos nem muito importantes na obra dela.

1'28''38

Você falou dos contos e de alguns personagens, por exemplo, da mulher de classe média, da barata, da datilografa, e aí eu fui lembrando de outros romances da Clarice, como 'a paixão segundo GH', a mulher, a barata, a datilografa, então se você acha intencional a repetição de alguns modelos na obra da Clarice e qual a função desses mesmos modelos, das personagens que migram pra outras obras.

Como disse no começo, dos contos da Legião Estrangeira, cujos personagens não tem quase nomes, o tempo verbal no pretérito imperfeito, a ausência de trama, essa atemporalidade das histórias que parecem meio soltas no tempo, que parecem ter nascidos sozinha, espontaneamente, faz com que os personagens da Clarice, além de serem individuais, de terem uma consistência particular, eles também são gerais, eles representam um tipo. Como tem a Ofélia, por exemplo, que é uma mulher da classe média, ela é a Ofélia, mas ela também é todas as mulheres da classe média. Os adolescentes que não tem nome, no caso esses apaixonados pela angústia, são todos os adolescentes. A menina Sofia que desafia o professor ela é todas as crianças espertas que estão tentando se encontrar em algum lugar. Acho que por causa dessa representatividade mais geral dos personagens, você vai reencontrar esses personagens em várias obras da Clarice. E são também personagens que não encontram seu lugar dentro de um círculo estabelecido qualquer. Então a Macabéa é uma nordestina que nos anos 70, que é quando o livro se passar, quer alguma coisa mais estrangeira do que ser uma nordestina pobre no Rio de Janeiro? Quase igual ser uma ucraniana pobre no Recife, quando a Clarice chegou aqui, até pior ainda. A Macabéa é uma mulher sem lugar e ela tenta ser, o Máximo que ela pode pensar ser é uma datilógrafa. Nem isso ela consegue porque ela mancha todos os papéis que ela datilografa, ela erra tudo, ela é uma mulher sem lugar. Então você vai reconhecer... Essa mulher da 'paixão segundo GH', a dona de casa que vai no quarto da empregada e vê uma barata e ela fica diante da barata... É esse outro. Não tem nada mais outro em relação a nós do que uma barata. Talvez seja o animal que mais cause nojo. Acho que o rato, a barata, a cobra. Mas a cobra não é um animal que frequenta a cidade. Então o rato e a barata estão mais ou menos iguais em causar nojo, causar repulsa. E não é só nas mulheres, também nos homens. É como se fosse o outro radicalizado, a estrangeiridade em estado puro. E o que a GH, que é uma mulher sem nome, faz em relação a este outro puro, outro total, ela come. Depois de muito tempo ela tem o risco, ela assume o risco de comer a barata. Que ela incorpora o Máximo de outra idade possível pra dentro dela. E só a partir desse reconhecimento do outro, do mais distante possível, que ela consegue se encontrar. Que é de novo a história de morrer pra nascer. Ela só consegue nascer como mulher, aquela dona de casa tão morna, quando ela engole uma barata. Então você vai mesmo encontrar muitas coisas parecidas em toda obra dela.

1'34''12

Quer saber se você acha que a Clarice faz a gente perceber essa epifania, de uma parte ingênua dela, ela escrevendo normalmente ou se ela já ao escrever pensa na reação do leitor.

Essa é uma pergunta que sempre me fazem sobre os escritores, será que ele pensou em tudo isso? Isso é meio impossível de responder, porque a gente nunca sabe o que os escritores pensam pra poderem escrever o que escrevem. E a gente nunca vai saber, não tem acesso a isso, e pra falar a verdade acho que não interessa mesmo saber se ele pensou ou não naquilo.

O que interessa é o que o texto está proporcionando pra nós. E o que ele proporciona pra nós é esse efeito de epifania. Se a Clarice sabia que ia provocar isso, se ela fazia intencionalmente, não sei. Acho que era uma mulher capaz de ter epifanias com muitas coisas, que nos outros não são capazes de gerar epifania. E que por isso, por causa dessa capacidade que ela tinha de se deslumbrar com o coloquial, ela conseguia expressar essa possibilidade na literatura dela. Agora não sei se ela pensava nisso. Acho que é fruto de como ela vivia, como ela estava no mundo, como ela entendia a linguagem.

1'36''08

A função da arte, da filosofia, é tentar mostrar o invisível, tornar visível o invisível. Eu acho que ela leu Nietzsche, pois ela afirma a vida de uma maneira que as pessoas podem até não entender o que ela está querendo passar. Ela está querendo passar o anormal e as pessoas estão acostumadas com o normal da vida.

A Clarice se dizia uma anti-intelectual, ela dizia que ela não gostava de ler filosofia, que ela não gostava de ler muita literatura, que ela lia pouco. É estranho a gente ouvir isso, porque é uma literatura muito culta, que parece remeter a outras coisas que a gente já leu, como você falou, mas ela mesmo dizia que não, que ela não gostava que tivessem dela uma imagem de uma mulher intelectualizada. Ela queria ser compreendida como uma mulher comum. Coisa mais difícil entendê-la como uma mulher comum, mas era isso que ela queria. Ela queria que as pessoas pensassem nela como uma dona de casa. Então, não sei se ela leu Nietzsche ou não, mas que a gente lembra a Clarice... muitas vezes a gente lembra de filósofos, pensadores, escritores, é verdade. Mas eu diria que não, acho que ela nem sabem que é, só ouviu falar.

1'38''05

Querida saber da sua ligação com a Clarice, você que é uma crítica e por que Clarice Lispector, o que mais de todas essas perspectivas da Clarice, de como ela coloca, o que mais te toca?

Quando eu estava preparando essa palestra, fui reler todos os contos da Legião Estrangeira, e tem vários contos aqui que eu releio muitas vezes. Mas tinha outros, como esse dos adolescentes, que fazia muito tempo que não lia. E quando fui reler agora lembrei de mim adolescente lendo esse conto. 'A Mensagem', dos dois adolescentes que se deparam com a casa, a casa angustiada. Eu lembrei de mim lendo adolescente. Teve outros contos, como 'A partição dos pães', que é da mesa com todas as comidas, que tive a sensação de ter lido esse conto quando eu era pequena, e daí fui revivendo o que senti naquela época, principalmente na adolescência, que era de identificação total. Como se eu tivesse encontrado a escritora que dizia o que eu estava sentindo, que pensava o que eu pensava, que me encaminhava pro lugar que eu queria ter quando crescesse, que era ser escritora. Eu tinha a ideia de que eu era ela, uma coisa de simbiose, de fusão, que muita gente passa com a Clarice. De se reconhecer, quando você sente que alguém está dizendo aquilo que nem você sabia que sabia sobre você mesma. Como se alguém estivesse dizendo sobre você uma coisa que nem você sabia. E eu sempre me considerei muito estrangeira em relação aos grupos que eu freqüentava, a escola que eu freqüentava, o clube, as festas onde ia, eu nunca me sentia integrante dos lugares que freqüentava. Sempre tive a sensação de ser estranha e sempre fui considerada estranha pelos outros. Então eu via, lia na Clarice uma possibilidade de lugar, de encontrar um espaço pra mim. Ah, tem uma pessoa que também se sente assim, que também é considerada assim, mas escreve, publica livros e é lida. Pra mim é como se fosse um porto, acho que é isso.

1'41''35

Como você já disse sobre todos os estranhamentos presentes no conto da Clarice, eu queria saber se com tudo isso ela queria passar alguma coisa pra nós ou se ela só queria mostrar uma forma diferente de ver as coisas diferente como vemos normalmente ou se era alguma coisa a mais que ela queria transmitir pra gente, como todo esse estranhamento e essa epifania que ela fala.

Acho que só fazer com que a gente veja as coisas de uma forma diferente, com que a gente seja capaz de estranhar aquilo que a gente simplesmente passa batido, já é muito. Essa possibilidade de não viver uma forma automática, banalizada, e conseguir ter essa percepção inicial em relação as coisas e as palavras, por causa dessas combinações diferentes que ela faz com as palavras, já é uma capacidade gigantesca. Mas acontece que quando você adquire essa possibilidade de ver as coisas com esse olhar inaugural, de ter uma epifania em relação às coisas normais do dia a dia, o que você adquire de verdade é um alargamento do teu horizonte interno pra levar em consideração o outro. Pra entender melhor aquilo que é diferente de você. Porque a tendência social mais defensiva e normal é de não aceitar o diferente. Porque o grupo naturalmente cria mecanismos de defesa que é de colocar o diferente pra fora. E essa possibilidade de a gente ver as coisas de um outro jeito faz com que a gente coloque o diferente pra dentro e com que a gente veja na gente mesmo o diferente e mande o diferente pra fora. Então tem mistura muito maior. Acho que mais que isso não precisa. Na vida o que a gente quer é se abrir pro outro e ter os olhos pra aceitar todas as diferenças e diminuir os entraves que separam um grupo do outro. Por isso que a gente está lutando o tempo todo pra quebrar essas paredes que nos separam. Então acho que é o jeito, não o único jeito nem acho que seja a salvação, mas é um jeito.